

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 23:
VENTURAS E AVENTURAS RELIGIOSAS**

**Coordenadores:
Ari Pedro Oro (UFRGS)
Pierre Sanchis
Teresinha Bernardo (PUC/SP)**

Diferentemente do formato dos grupos de trabalhos acerca da religião ultimamente realizados na ABA - onde cada um deles versava sobre um aspecto do campo religioso (religiões afro-brasileiras, pentecostais, marketing religioso, etc.) - a proposta desse fórum é de trazer para o debate as constelações de imagens religiosas que geram, de um lado, a interação de indivíduos nos múltiplos grupos sociais e, de outro, embates, conflitos, entre as diferentes expressões religiosas.

Esse contexto possui uma dinamicidade singular onde imagens e sensibilidades se movimentam simultaneamente territorializando-se desterritorializando-se. Nesse movimento há concordâncias, tolerâncias, discordâncias, rupturas, propiciando que as diferenças religiosas, na maior parte das vezes, sejam repostas.

1ª SESSÃO

2 DE FEVEREIRO, A FESTA DA RAINHA DO MAR.

Rosamaria Susanna Barbara (USP)

O trabalho pretende relatar um pouco a historia das relações entre o candomblé e o catolicismo via o olhar dos adeptos do candomblé e como transitam os fieis entre estas duas religiões agora.

Tendo como base a historia das primeiras irmandades chega-se aos dias de hoje, nos quais as mais conhecidas mães-de-santo como Mãe Stela de Oxóssi assume para ela e o povo-de-santo como única religião o candomblé.

Mas o que acontece entre os fieis e como experienciaram os velhos esta ligação com o catolicismo? Como se colocam as muitas velhas que são do candomblé, mas foram “aprimoradas também no catolico?”

VIRA O BALAIO NA PORTA DA IGREJA MINHA FILHA, QUE O SANTO É DE CANDOMBLÉ.

Vilson Caetano de Sousa Júnior (PUC-SP)

Na cidade de Salvador a ida dos iniciados no candomblé às chamadas “7 igrejas” é vista pelos terreiros de diversas maneiras. Em algumas casas, este número é simbólico, noutras pode corresponder a três ou mesmo a uma igreja que certamente será a do Bonfim A comunicação pretende demonstrar, analisando a história da Devoção do Senhor do Bonfim na cidade de Salvador (1745) que a eleição destas igrejas está ligada às relações com o catolicismo, ao “processo de urbanização” pelo qual passou a cidade de Salvador e também aos elementos que estas igrejas articularam no tempo em que foram erguidas dos vários universos simbólicos introduzidos na colônia portuguesa.

A eleição destas igrejas não foi aleatória. Diz respeito à devoções de homens que dependiam direta ou indiretamente do mar ou mesmo de mulheres que esperavam em terra, seus maridos e filhos. Sem falar de devoções da gente pobre, raia miúda que desassistida em todos os aspectos, dependia da proteção dos santos ante a ameaça de morte causada pelas epidemias que entravam o tempo todo pelos portos, dizimando além de brancos, gentios da terra, e escravos africanos.

CASA DAS MINAS: UMA ILHA DE TRADIÇÃO?

Cleides Antônio Amorim (UFRGS)

Este texto objetiva-se pensar através do binômio tradição/modernidade a situação atual do culto aos voduns no Maranhão, investigando continuidades, mudanças e rupturas.

Tomaremos como lugar de reflexão a Casa Grande das Minas que, embora, seja considerada modelo do culto, difere em muitos aspectos dos demais terreiros de mina. Inserida nesta atmosfera como marco fundamental e originário deste universo simbólico, teima em seguir seu "destino" de edificadora de valores além-mar, de guardiã de tradições e costumes ancestrais, resistindo a mudanças de sentidos e sentimentos provocados pelo "turbilhão" da modernidade. Ainda nesta perspectiva, conforme Sérgio Ferretti (1996), pode-se pensar que a valorização de elementos africanos "constituem-se uma ideologização da pureza ritual", funcionando como artifício de "diferenciação entre terreiros tradicionais/puros e terreiros misturados". Interessa-nos ainda discutir como elementos externos a este grupo religioso são refutados, apropriados e ressemantizados na tensão entre o local e o global, entre tradição e modernidade.

A BANDA DA UMBANDA EM UM CANDOMBLÉ NAGÔ.

Fábio Lima (UFBA)

Em Salvador, no âmbito da religião afro-brasileira, vêm ocorrendo transformações no seio de alguns segmentos dos terreiros de candomblé, ao incluírem em seu panteão divindades advindas da umbanda, assim como uma série de práticas e ideologias, como forma de competir no mercado religioso. Estes candomblés são chamados pelo povo-de-santo de umbandomblés. Este é uma modalidade "ecclética" de candomblé flexível que, estabelecendo um diálogo com a pluralidade de práticas religiosas, intervem na vida dos agentes religiosos a modo de garantir o re-encontro do mundo, na eliminação das aflições e possibilita a manifestação dos "eus" contidos e redefinidos na sociedade moderna. Nesta trama simbólica almeja-se metáforas e arquétipos satisfatórios, capazes de prover aos indivíduos a alteridade para pensar a si próprio.

GÊNESE E TRANSLITERAÇÃO DE ASPECTOS FEMININOS DA ESTATUÁRIA NA ÁFRICA E NO BRASIL.

Marta Heloísa (Lisy) Leuba Salum (MAE/USP)

Sinto-me levada a trazer para este Fórum imagens que não são propriamente sociológicas, e nem sempre religiosas, mas *imagens advindas de uma reflexão sobre imagens* – estas concretas, materializadas, focalizando, aqui, um caso brasileiro: a estatuária de Iemanjá. Essa reflexão passou do plano sensível ao conceitual, integrando o núcleo de preocupações do projeto de pesquisa "Tratamento de acervos africanos em museus do Brasil face aos estudos africanistas no país e aos sistemas de catalogação internacional: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia-MAE da USP". O tema sobre Iemanjá será apresentado como um dos resultados no primeiro relatório bianual da pesquisa, mesmo que, em sua forma

preliminar, já tenha tomado forma de um artigo a ser publicado na Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia deste ano, sob o título “Por que são de madeira essas mulheres d’água?”.

ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO: UM CLAMOR COM AXÉ.

Taynar de Cássia Santos Pereira (USP)

Este trabalho tem como objetivo apresentar as primeiras considerações formuladas durante a pesquisa acerca da análise do fenômeno da inculturação dos costumes afro-brasileiros na Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho, em Salvador da Bahia, entre as décadas de 80-90. Posto que, esta Igreja encontra-se numa região de fronteira delimitada por dois mundos. Manifesta-se nesse espaço uma confluência, onde, por um lado ecoam as vozes do “Axé” representadas por vários segmentos negros os quais revelam a busca de uma identidade cultural própria na “Terra dos Orixás”, e do outro emergem os olhares projetados por uma hierarquia eclesiástica. Dentro deste contexto, a Igreja do Rosário dos Pretos representa intermediações nas quais se revelam *negociações e conflitos* entre uma multiplicidade de ponto de vistas.

WEB-TERREIROS D’ALÉM-MAR: ARTICULAÇÃO E TRANSNACIONALIZAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS OU SOBRE A TRAJETÓRIA DO POVO-DO-SANTO NO EXTERIOR E NA REDE.

Ricardo Oliveira de Freitas (UFRJ)

A presente comunicação pretende apresentar algumas considerações acerca da transnacionalização das religiões afro-brasileiras e da criação de *sites* e listas de discussão sobre o candomblé, moderados por pais, mães e filhos-de-santo e simpatizantes brasileiros - e estrangeiros - radicados nos EUA.

Perceber de que forma os terreiros afro-brasileiros têm se articulado n’além-mar - analisando o conteúdo dessas listas e *sites*, assim como a importância do debate entre o povo-de-santo aqui e acolá -, pode direcionar tanto um nova expressão religiosa não mais afro-brasileira, mas afro-braso-diaspórica, quanto uma nova forma de construção do imaginário acerca do Brasil no exterior - que vem se consolidando através de brasileiros e estrangeiros, a quem chamaremos "embaixadores", com a divulgação e o debate via *web* de temas estritamente relacionados à realidade dos terreiros – aí incluído “fundamentos” e ortodoxias de culto.

Momento em que podemos perceber a importância desses atores e rede (*net*) para a reterritorialização da diáspora brasileira nos EUA, assim como, para a publicização de um imagem identitária do Brasil no exterior – agora não somente midiaticizada (através sobretudo

das indústrias cinematográfica, publicitária, turística e fonográfica, fortalecida pelos atributos do exótico, místico, exuberante e primitivo), mas também virtualizada.

2ª SESSÃO

RELIGIÕES NÃO-CATÓLICAS E POLÍTICA NO RIO GRANDE DO SUL.

Ari Pedro Oro (UFRGS)

A comunicação versa sobre a participação de membros de religiões mediúnicas e evangélicas na vida política do Rio Grande do Sul. Mais especificamente, efetua uma recuperação da presença histórica e atual de representantes das igrejas pentecostais e das religiões afro-brasileiras e espíritas nos diversos níveis e instâncias do campo político. Ver-se-á que, de forma semelhante ao que ocorre no resto do país, trata-se de uma participação que está aumentando a cada nova eleição e que os dois segmentos religiosos anunciados direta ou indiretamente influenciam-se e estimulam-se mutuamente para atuar no campo político devido a razões práticas (interesses institucionais, associados a uma relação conflituosa e concorrencial existente entre eles), e razões simbólicas (crenças e cosmovisões arraigadas no universo simbólico de parcelas significativas da sociedade regional e brasileira que cada segmento religioso, a seu modo, mobiliza).

DIVERSIDADE RELIGIOSA, INTEGRAÇÃO E CONFLITO NO MARANHÃO.

Sergio Figueiredo Ferretti (UFMA).

O novo milênio propicia reflexões sobre o futuro e grande interesse pela religião em amplos setores. Constatando a existência de constelações religiosas em interação e/ou conflito, o INTECAB-MA organizou, no fim de 1998, um seminário onde sacerdotes e outros líderes de religiões existentes no Maranhão (católicos, evangélicos, espíritas) debateram com o “povo de santo” (mineiros, umbandistas, candomblesistas, curadores) questões como: liberdade, perseguição, respeito, imposição, influência da mídia, papel da internet, etc. Concluiu-se que, com a aceleração de mudanças e a diversidade religiosa atual, parece que não estamos caminhando para um futuro sem religião ou com uma só religião e que, com a busca de novas formas de conhecimento, o sincretismo tende a se ampliar e a liberdade de pensamento tende a crescer.

TRÂNSITO RELIGIOSO; DESUBSTANCIALIZAÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA E SITUAÇÕES “FORA DE LUGAR”.

Marcelo Camurça (UFJF)

Para além do “sincretismo clássico” operado na cultura brasileira, onde o “duplo pertencimento” se fazia sob o inclusivismo católico (SANCHIS: 1997;1998) (MACHADO&MARIZ: 1998) e o lugar de cada manifestação religiosa era delimitado : atabaque no terreiro e sacramento na Igreja, embora o adepto pudesse frequentar ambos.

(BIRMAN): 1992) parecemos assistir no Campo Religioso Brasileiro atual, combinações mais inusuais e cada vez mais surpreendentes, realizados tanto pela multiplicidade de conteúdos do que articula, quanto pela liberdade ilimitada para tal.

Fruto de linha de pesquisa: “Campo Religioso Brasileiro” que coordeno no PPCIR e orientações a Dissertação de Mestrado; o trabalho proposto investiga a questão em duas vertentes de hipóteses. Uma primeira que repousa no fenômeno do trânsito religioso, que cria nos indivíduos “errantes” como vivência de “desterritorialização” de identidades religiosas (STEIL: 1999) uma suspensão das fronteiras religiosas; através de levantamento de trajetórias biográficas e casos exemplares: Leonardo Boff (CAMURÇA: 1998), Paulo Coelho (D’ANDREA: 1996); lideranças da RCC que dão consultas como terapeutas alternativas, (MARIZ&MACHADO: 1998), flexibilização “new age” da Doutrina Kardecista num Pós-Espiritismo (D’ANDREA: 1996).

E uma Segunda que procura ver na circulação das culturas e interfaces entre grupos religiosos - numa situação de multiculturalismo e pluralismo religioso em contexto globalizado – o estabelecimento dos espaços híbridos entre religiões : Umbanda e Santo Daime (Guimarães: 1994) Candomblé e ‘Orientalismo’, etc, e a constituição de “não-lugares” (PACE: 1997) onde distintas lógicas/práticas religiosas se sobrepõem e são acionadas numa sequência que as colocam em situação de complementariedade ou oposição. Como no exemplo de reuniões informais, fora do contexto institucional , onde a frequência proveniente de vários credos mediúnicos ou carismáticos assim como suas “entidades” e “dons” , agenciados em função (por oposição ou complementariedade) a situações ocorridas nas instâncias institucionalizadas: centros espíritas, terreiros e grupos de oração.

A (RE)INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES LUSO-AFRO-BRASILEIRAS NA UMBANDA PORTUGUESA.

Ismael Pordeus Jr. (UFRN)

A partir de considerações sobre os processos de transculturação da Umbanda de Omolocô procuro, no seio do grupo religioso do Terreiro de Umbanda Ogum Megê em Lisboa - Portugal, discutir a textualização da memória, a (re)invenção das tradições implícitas nos textos editados pelo Terreiro. A memória do corpo e da voz deitada na escrita permanecem com seus princípios performáticos nos textos que são utilizados pelo grupo religioso. E apontam para a complexidade dos fatores envolvidos na manutenção, reprodução e inovação no que tange o universo religioso estudado.

A NOVA ERA E O UNIVERSO ACADÊMICO.

Francisca Veronica Cavalcante (PUC/SP)

O campo científico contemporâneo é marcado pelas discussões em torno da quebra de paradigmas e da emergência de novas posturas epistemológicas como: inter, transdisciplinar e holística. Estas transformações levam a uma práxis integradora entre ciência, filosofia, arte e tradições, permitindo muitas vezes uma expressão de inseparabilidade entre objetividade e subjetividade, e diferentes manifestações de espiritualidade.

Estas diferentes expressões e manifestações de espiritualidade caracterizam a nova forma de lidar com o sagrado. Estamos nos referindo a: Nova Era, New Age, Conspiração Aquariana, Era de Aquário, Nova Consciência, Neo-esô, e tantas outras denominações, referem-se a estas práticas ditas neo-esotéricas. Trata-se de uma sensibilidade que questiona as posturas epistemológicas, religiosas, psicológicas e ecológicas do homem na atualidade, sua epistemologia está pautada na Visão Holística do Universo.

Os sujeitos de minha pesquisa são professores universitários da cidade de Teresina, Piauí que, já nos anos 80, apresentavam uma ação que parecia denunciar alguns elementos da prática integradora, possuindo uma postura epistemológica com alguns elementos anunciativos das teorias pautadas na inter, transdisciplinaridade e holística. Através de seus relatos e histórias de vida construiu-se uma imagem que retrata mudanças epistemológicas e religiosas por eles vivenciadas nestas duas últimas décadas.

O referencial teórico utilizado foi constituído a partir de autores que discutem as mudanças de perspectivas centradas no desenvolvimento do conhecimento, especialmente a Visão Holística do Universo. Consideramos também de fundamental importância aqueles autores que discutem o fenômeno Nova Era e as alterações no campo religioso atual. São eles: Edgar Morin, Pierre Weil, Fritjof Capra, Roberto Crema, José Guilherme Magnani e Aldo Natale Terrin.

A FÉ NA CIÊNCIA: O ENSINO DA EVOLUÇÃO E SUA CONGRUÊNCIA AOS SISTEMAS DE CRENÇAS.

Silas Guerriero (PUC/SP)

A sociedade brasileira vive hoje um aguçamento do processo de secularização. Os sistemas de crenças religiosos interagem com as demais esferas da vida social, notadamente a ciência. Presencia-se um cientificismo vulgarizado pela mídia mesclado com crenças religiosas tradicionais. Crê-se ceticamente.

O ensino das ciências encontra dificuldades quando questiona crenças fortemente estabelecidas. Como aceitar a palavra da ciência sem deixar de lado visões tradicionais? Como se constroem novas formulações de crenças que possibilitariam juntar as novas verdades científicas às crenças anteriores?

O trabalho pretende discutir essas questões a partir da experiência de ensino da disciplina de antropologia para alunos do curso de psicologia, especificamente o embate entre o evolucionismo e a visão criacionista.

REFLEXÕES EM UM DEBATE FICCIONAL: EFERVESCÊNCIA RELIGIOSA E RECONFIGURAÇÕES SOCIETÁRIAS — NÓDULOS DE DÁDIVA NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

Léa Freitas Perez (UFMG)
Luciana de Oliveira (UFMG)
Renata Apgaua (UFMG)

A proposta deste trabalho é a de recriar dialogicamente um debate que vem causando – no meio acadêmico, entre outros – uma acirrada polêmica em torno do que vem ocorrendo no campo religioso, sobretudo a partir dos anos 70. Este debate é gerador de uma *doxa* corrente que pode ser sintetizada da seguinte forma: existe um nexos causal entre o surgimento e a proliferação de certas sensibilidades religiosas, o advento do neoliberalismo/globalização, da sociedade de informação e o suposto processo de exacerbação do individualismo nas sociedades contemporâneas. Dentro deste viés analítico, existe uma tendência a enxergar a religião como um produto, daí, as já bem difundidas idéias de “supermercado da fé” e de “religião *a la carte*”. Nossa intenção é a de romper com esta *doxa*, complexificando o debate e, inspiradas pelo “paradigma da dádiva”, sugerir a necessidade de uma revisão geral de nossos conceitos, nossas teorias e mesmo da base lógica de nosso pensamento. O diálogo com esta corrente interpretativa não nos faz descartar o mercado como meio de promoção do vínculo social nas manifestações religiosas dos nossos dias, mas nos faz dissociá-lo de atitudes puramente instrumentais, egóticas e personalistas, revelando outras razões contidas nas escolhas daqueles que abraçam certas crenças e práticas religiosas, cuja mais forte evidência empírica é a formação de redes de solidariedade onde tudo se troca. O que está em foco neste trabalho, portanto, é a possibilidade de compreensão do laço social na atualidade a partir do multiverso de formas de exercício do sagrado, em particular daquelas que, preconizando um agir em redes, levam à constituição de comunidades afetivas. Nesse caso, a religião precisa antes ser vista como uma espécie de texto/pré-texto/con-texto, no qual e a partir do qual os indivíduos podem ser percebidos como *nódulos de dádiva*.

3ª SESSÃO

PSICOLOGIZACIÓN Y RELIGIOSIDAD POPULAR.

Pablo Semán (Universidad Nacional de San Martín/Buenos Aires/AR)

Las practicas introspectivas e individualizantes propias del catolicismo y del pentecostalismo se combinan en una solución especial cuando su estructura de acogida se encuentra impregnada por los efectos de la extensión de las practicas del campo Psi. Esto es lo que ocurre en sujetos de sectores populares del Gran Buenos Aires entre los que los lenguajes psicologizados ayudan a declinar la experiencia religiosa. Entre ellos, y en terminos emicos, las devociones, la oración, el encuentro con Dios son medios para el encuentro consigo mismo, para la individuación, y la elaboración de los conflictos. Por su parte la aparición de categorías psicológicas induce a la formación de una arquitectura sui generis de la experiencia religiosa y del conjunto de la noción de persona.

DESTINO E PROJETOS: ELABORAÇÕES RELIGIOSAS E IDENTIDADE PESSOAIS.

Luciana Duccini (UFBA)

Este artigo refere-se a um projeto mais amplo que começo a desenvolver. Parte de uma perspectiva weberiana de análise das relações entre camadas sociais e religião e agrega noções como a de horizontes culturais, reflexividade e identidade pessoal como projeto, presentes na discussão de Giddens sobre a época atual. O foco central da análise recai sobre as narrativas de história de vida. Assim, desejo apresentar um estudo de caso, de um jovem, intelectualizado, de “classe média” (com um horizonte cultural e expectativas próprios) e adepto do candomblé. Meu interesse dirige-se aos modos como se articulam, em seu discurso, esses universos culturais, o religioso e o da educação formal, como emergem na narrativa elementos de significação de suas experiências e como esta pode revelar um processo de elaboração identitária.

EXPANSÃO DO CANDOMBLÉ - A DINÂMICA DAS IDENTIDADES.

Teresinha Bernardo (PUC/SP)

O objetivo deste paper é o de discutir os significados da expansão do candomblé queto, seja em terras brasileiras, seja como elemento que participa do processo de mundialização das culturas. Tanto no primeiro caso, como no segundo, a análise irá se deter nas identidades dos grupos que fazem parte desta dinâmica. Neste movimento serão destacados as

tolerâncias, como também as discordâncias e rupturas, possibilitando ou impossibilitando que as diferenças religiosas sejam repostas.

ESOTERISMO NA UMBANDA

Maria Helena Villas Boas Concione (PUC/SP)

Memória e Invenção são conceitos que fertilizam as análises antropológicas iluminando aspectos importantes da realidade social. O universo umbandista se presta bem à reflexão a partir destes instrumentos teóricos que nos permitem inclusive ultrapassá-lo. Falo em universo umbandista, por reconhecer de início que a Umbanda se mostra como uma estrutura aberta profundamente inclusiva e que não obstante mantém uma certa identidade. Nesta exposição, escolhemos um ângulo específico de abordagem da Umbanda: a presença aí do misticismo esotérico. Quando se fala das alternativas religiosas nas sociedades contemporâneas o misticismo esotérico nas suas mais variadas formas ocupa um lugar de destaque. A proposta desta exposição é de discutir a presença das formulações místico-esotéricas no universo umbandista como um fenômeno que data pelo menos dos anos 40 do século XX, sem negar, entretanto, que novas formulações e inclusões tenham ocorrido no seu interior nos dias de hoje. Tomando dois momentos na história dessa religião lançamos mão de recursos diversos como suporte de análise: textos produzidos por umbandistas na primeira metade do século e no correr dos anos 80 e observação de uma Casa de Umbanda na cidade de São Paulo (Br). Os conceitos de Memória e de Invenção, como dissemos, norteiam esta reflexão.

DA RADICALIDADE PENTECOSTAL.

Clara Mafra (UERJ)

Um dos caminhos trilhados, em meados do século passado, pelos antropólogos para o resgate do valor dos ritos mágicos para a cultura ocidental, foi a cunhagem do conceito de “eficácia simbólica” e a realização de jogos de justaposição e metáfora entre as atuações do xamã e do psicanalista; entre o rito mágico e a análise psicanalista, entre atos rituais e desconstruções e transferências analíticas. No fundo, havia uma certa crença que a psicanálise crescia como um substituto – mais racional e individualizado ainda que atento ao mesmo objeto, das crenças subconscientes– às práticas excessivamente herméticas e/ou obscuras de sentido dos ritos mágicos para o indivíduo.

Nas últimas décadas, temos assistido ao retorno do ritual no seio da cultura ocidental com o avanço do pentecostalismo, ainda que de uma forma peculiar pois, como eu indiquei em outro lugar (Mafra, 1999), essa religiosidade exige uma maior continuidade entre desejo

interior e representação ritual na própria realização do rito, produzindo-se uma super ênfase no aspecto perlocucionário da linguagem ritual.

Nesse trabalho sugiro que, assim como é necessário o estabelecimento de uma nítida fronteira entre a situação de análise e a situação externa para a transferência ocorrer com sucesso na psicanálise, também a oposição entre igreja e “mundo” deve ser saliente para ocorrer a eficácia pentecostal. É nos limites da fronteira da igreja-fora-do-mundo que uma concepção “personalizante” de vida pode ser afirmada sem ser engolfada pela concepção reificante vigente no exterior. Em termos mais genéricos, a afirmação radical da diferença é a condição da eficácia simbólica em uma contexto fragmentado.

TRAJETÓRIAS QUE SE ENTRECruzAM: ALGUNS RELATOS DE CONVERSÃO RELIGIOSA NUMA INSTITUIÇÃO PENAL.

Eva Lenita Scheliga (UFSC/UFPR)

Trata-se da análise de alguns "*testemunhos*" de conversão religiosa realizados por detentos que cumprem suas penas na Penitenciária Central do Estado do Paraná, unidade masculina de segurança máxima. O momento da prisão é retratado, muitas vezes, como o instante em que eles atingiram "*o fundo do poço*" – local que se caracterizaria pela sujeira e solidão - espaço que não apresentava mais saídas, a não ser um retorno para a direção contrária ao fundo. O "*retorno*" é a metáfora para aquilo que os detentos compreendem como conversão. Converter-se - em especial às igrejas de orientação pentecostal - além de significar este "*retorno*", é também compreendido como uma "*tomada de atitude*" que divide mundos – o mundo profano e o mundo sagrado - e etapas da vida. As diferentes experiências religiosas relatadas por estes detentos acabam revelando trajetórias que se entrecruzam, tendo a prisão como espaço e tempo privilegiados de "afastamento do mal".

O ARRAIAL DE CRENTES: OBSERVAÇÕES SOBRE A "DESPECADIZAÇÃO " PROGRESSIVA DO CORPO ENTRE NEO-PENTECOSTAIS DE SÃO LUÍS, MARANHÃO.

Norton Corrêa (UFMA)

Muitos filiados à Assembléia de Deus vêm abandonando antigos preceitos do fundamentalismo evangélico que instalam o indivíduo a rejeitar os prazeres mundanos (leia-se corpo), embora considerem-se verdadeiros crentes. Entre vários exemplos temos o "arraial dos crentes", promovido por uma igreja local e que se espelha nos inúmeros arraiais organizados em São Luís durante os festejos juninos, um conjunto de barracas que vendem pratos típicos e bebidas, tocam músicas , grupos populares de bumba - meu -boi e quadrilhas apresentando-se para o público. No dos crentes, embora haja momentos para orações, há músicas com os mesmos ritmos - forró, pagode - embora as letras remetam à instância religiosa. E - outra novidade- a assistência dança.

Entre os fatores responsáveis por tais mudanças pode ser computado novos enfoques simbólicos sobre o corpo que se presencia atualmente no Brasil.

A HINOLOGIA NO RITUAL DE UMA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, NA CIDADE DO RECIFE.

Rosa Maria de Aquino (UFPE)

Na diversidade denominacional encontrada no protestantismo brasileiro, identificamos, na categoria histórica, a Igreja Presbiteriana do Brasil. O seu ritual solene reproduz as orientações dos primeiros missionários, norte-americanos, que chegaram, há quase um século e meio, para disseminar o evangelho entre os brasileiros. Destacamos o uso da música no ritual. Muitos dos seus hinógrafos foram os próprios missionários.

O que leva essa Igreja a preservar a música solene no ritual do seu culto? Como se mediam os conflitos que surgem a partir da inserção de elementos musicais característicos da diversidade cultural brasileira? Tentaremos responder incursionando pela história da Igreja e de sua hinologia, e através de interlocutores com quem dialogamos para uma melhor compreensão da atitude dos fiéis na preservação dessa tradição ritualística.

A 2ª. igreja mais antiga na cidade do Recife, vinculada à denominação Presbiteriana do Brasil, constitui nosso campo

A RELIGIÃO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS: A “COMUNIDADE” NA ÓTICA DE GRUPOS SOCIAIS DE DUAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE, NA REGIÃO OPERÁRIA DE BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS, BRASIL.

Sandra de Fátima Pereira Tosta (PUC/MG)

A sociedade contemporânea com sua complexidade tecnológica não comporta, segundo uma linha de pesquisadores, a existência de manifestações ligadas à tradição e à culturas locais. Ao contrário, ela é portadora de uma racionalidade que levaria a destruição dessas manifestações ou a sua total incorporação à uma cultura global.

Constatação que refere não apenas ao campo das práticas sociais, como ao campo de determinadas categorias conceituais. O que se aplica ao conceito de “comunidade” como uma das categorias mais amplamente utilizadas em estudos históricos, sociológicos, antropológicos e outros até os anos 70, para dar conta de explicar organizações e experiências culturais de determinados grupos sociais na cidade ou no campo.

A partir do final da década de 70, início de 80, o conceito é relegado ao desuso por perder sua referência com o real, dado o desenvolvimento que aponta para uma sociedade complexa na qual as mediações que envolvem a organização dos grupos já não são mais da ordem da memória e da tradição nas quais principalmente residiriam os elementos da “comunidade” mas das novas tecnologia, principalmente da comunicação.

O objetivo deste texto é mostrar, a partir do estudo concreto de duas “Comunidades Eclesiais de Base”, como se dá o resgate dos sentidos e da prática da “comunidade” amparado em vivências cotidianas que retomam a tradição e culturas locais. E, neste contexto, mostrar de que modos a experiência religiosa estrutura tais vivências no interior de organizações eclesiais como as comunidades de base, ao mesmo tempo que procura fortalecer o ideário posto no imaginário da Instituição católica de realização de uma “comunidade universal”.

Trata-se de um estudo antropológico associado à História e à Comunicação, cuja pesquisa etnográfica foi desenvolvida no bairro Petrolândia, na região operária da capital do Estado de Minas Gerais - Brasil.

IDENTIDADE E IMAGINÁRIO: A FACE NEGRA.

Márcia Merlo (PUC/SP)

De um estudo de Memória realizado em Ilhabela, desvelaram-se múltiplas faces. Das diferentes faces e suas identidades, começa, pouco a pouco, a emergir a face negra.

Percebe-se logo que falar da história do negro não é tão fácil, assumir a própria negritude tampouco, apesar de que o orgulho de ser negro surge na hora da Congada, nas honrarias ao santo negro, ao contar as aventuras do Negro Estevão nas matas de Ilhabela, ao narrar o episódio de resistência negra na Fazenda Guacá (São Sebastião), nos terreiros ao reverenciar os orixás, assumindo uma consciência negra e resistindo em manter os cultos afro-brasileiros diante dos muitos obstáculos, entre eles a discriminação dos pentecostais.

Assim, o movimento da Memória aponta duas facetas da identidade negra na Ilha: ora submerge, pelo encobrimento das lembranças de outrora, no intuito de não revelar as relações raciais conflitantes, ora aparece, evidenciando-se, na resistência da população negra e seus descendentes.

VIVA NOSSO IMPERADOR!

Felipe B. Veiga (UFF)

A festa do Divino em Pirenópolis, Goiás, é uma celebração popular de Pentecostes, centrada na constituição de um Império Divino. Nesta grande representação, forma-se uma sociedade de cortã em torno do Imperador, sua autoridade máxima. O processo ritual redefine as posições sociais sob a égide do sagrado, ora as consolidando, sustentando diferenças de classes, ora invertendo ou mesmo suspendendo temporariamente a rede de classificações estruturais. Querelas em torno dos símbolos e ritos se expressam no jogo de forças entre os atores da dramatização ritual, no qual festeiros e Igreja divergem sobre formas de interpretação e devoção ao Espírito Santo e reivindicam o controle da festa.

